

IDENTIDADES MOÇAMBICANAS NA LITERATURA DE MIA COUTO

Mozambican Identities in the Literature of Mia Couto

Identidades moçambiqueñas en la literatura de Mia Couto

Ana Claudia Servilha Martins Poletto¹ 

RESUMO: Esta pesquisa objetiva desenvolver análises sobre a produção ficcional do escritor moçambicano Mia Couto. Os textos ficcionais e ensaios do referido autor fazem-se presentes em muitos estudos que buscam compreender o mosaico nacional de culturas formado em tempos coloniais e pós-coloniais em terras africanas. A preocupação identitária aparece quase em totalidade em suas obras, pois para o autor Moçambique é uma história a ser re-contada e as relações entre África e a Europa simbolizam suas próprias raízes mestiças e híbridas. Mia Couto traz o passado como um lugar de pesquisa e memória. Na sua ficção se encontra a artesanaria da palavra, dos vocábulos, da oralidade e da escrita. Insere-se a valorização do passado ancestral e cultural do país para que este continue sendo relevante na contemporaneidade. Para as análises propostas sobre as representações das identidades moçambicanas na literatura miacoutiana, recorreremos às leituras de Antonio Candido (2008), Ana Mafalda Leite (2003), Benjamin Abdala Jr. (2004), Edward Said (1995), entre outros teórico-críticos das literaturas e dos estudos culturais.

Palavras-chave: Literatura. História. Identidades. Moçambique. Mia Couto.

ABSTRACT: This research aims to develop analyses of the fictional production of the Mozambican writer Mia Couto. The fictional texts and essays of this author are present in many studies that seek to understand the national mosaic of cultures formed in colonial and post-colonial times in African lands. The concern with identity appears almost entirely in his works, because for the author Mozambique is a history to be retold, and the relations between Africa and Europe symbolize his own mixed and hybrid roots. Mia Couto presents the past as a place of research and memory. In his fiction, one finds the craftsmanship of words, vocabulary, orality, and writing. The valorization of the country's ancestral and cultural past is incorporated so that it continues to be relevant in contemporary times. For the proposed analyses of the representations of Mozambican identities in Mia Couto's literature, we draw on the readings of Antonio Candido (2008), Ana Mafalda Leite (2003), Benjamin Abdala Jr. (2004), Edward Said (1995), among other theorists and critics of literature and cultural studies.

Keywords: Literature. History. Identities. Mozambique. Mia Couto.

¹ Atua como docente de Língua Portuguesa e Literatura pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT/Sinop) e pela Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso (SEDUC/Sinop-MT). Doutora e mestra em Estudos Literários, com pesquisa na área de Literatura e vida social em países de língua portuguesa, pelo Programa de Pós-graduação em Estudos Literários (PPGEL/UNEMAT/Tangará da Serra)E-mail: ana.martins@unemat.br

RESUMEN: Esta investigación busca analizar la producción ficticia del escritor mozambiqueño Mia Couto. Sus textos y ensayos ficticios están presentes en numerosos estudios que buscan comprender el mosaico cultural nacional formado en la época colonial y poscolonial en tierras africanas. La preocupación por la identidad aparece casi exclusivamente en sus obras, pues para el autor, Mozambique es una historia que debe ser contada, y las relaciones entre África y Europa simbolizan sus propias raíces mixtas e híbridas. Mia Couto presenta el pasado como un espacio de investigación y memoria. En su ficción, se encuentra la maestría de la palabra, el vocabulario, la oralidad y la escritura. Incorpora la valorización del pasado ancestral y cultural del país para que siga siendo relevante en la actualidad. Para los análisis propuestos de las representaciones de las identidades mozambiqueñas en la literatura de Mia Couto, nos basamos en las lecturas de Antonio Candido (2008), Ana Mafalda Leite (2003), Benjamin Abdala Jr. (2004), Edward Said (1995), entre otros teóricos y críticos de la literatura y los estudios culturales.

Palabras clave: Literatura. Historia. Identidades. Mozambique. Mia Couto.

1 Introdução

António Emílio Leite Couto - o Mia Couto - nasceu em Moçambique, na cidade da Beira em 05 de julho de 1955. Filho do poeta e jornalista português Fernando Couto, é formado em Biologia, atua como jornalista e literário.

Mia Couto, utilizando o léxico de várias regiões interioranas de Moçambique, reinventa a língua portuguesa e produz um novo percurso da produção literária nacional. Esse aspecto destaca sua narrativa no cenário das produções de Língua Portuguesa. As literaturas nacionais africanas, conforme Ana Mafalda Leite (2012), “encontraram maneiras próprias de dialogar com as “tradições”, intertextualizando-as, obtusamente, no corpo linguístico” (Leite, 2012, p.34).

Nesse ínterim, o diálogo proposto por Ana Mafalda Leite evidencia que é praticamente insustentável qualquer generalização que conduza a elaborações teóricas que não levem em conta as especificidades regionais e nacionais africanas. Desse modo, “as sociedades da periferia têm estado sempre abertas às influências culturais ocidentais e, agora, mais do que nunca” (Hall, 2008, p.79-80).

A inovação linguística proposta por Mia Couto cria, como intitula Fernanda Cavacas (2000, p.185), o ato de *brinciação*, ou seja, o escritor pelos caminhos da criação verbal e da

invenção lexical elucida uma mundividência moçambicana. Esse autor define sua condição de escritor da seguinte maneira: “Como outros brancos nascidos e criados em África, sou um ser de fronteira [...] Para melhor sublinhar minha condição periférica, eu deveria acrescentar: sou um escritor africano, branco e de língua portuguesa” (Couto *apud* Secco *apud* Fonseca & Cury, 2008, p. 20). Várias vozes tomam vez e lugar em sua ficção que metaforicamente contorna as paisagens da guerra pela sensibilidade da poesia. “Assim é que injeta no código linguístico português a cultura da oratura africana” (Leite, 1998, p. 264).

Em entrevista concedida à Vera Maquêa (2005, p. 208), o escritor dialoga que “temos aqui um país que está a viver basicamente na oralidade. Noventa por cento existem na oralidade, moram na oralidade, pensam e amam esse universo. Ai eu funciono muito como tradutor. Tradutor não de línguas, mas de universos”.

Em concordância aos diálogos de Inocência Mata (1998), “se a língua é um veículo privilegiado de dominação, é também um veículo de libertação”. Nessa abordagem, Mia Couto verbaliza e registra a necessidade de compreender sua literatura como uma agente humanizadora que não singulariza raças ou territórios, mas que busca alcançar a complexidade do ser em suas identidades e singularidades.

2 Literatura, história e memória na ficção miacoutiana

A língua é um importante mecanismo de libertação, sendo a linguagem literária de Mia Couto, uma consciência da verdade intrínseca da cultura que se projeta na oralidade, um veículo privilegiado de incorporação às novas geometrias culturais, étnicas e linguísticas de Moçambique. A tradição oral africana permaneceu consistente, mesmo com a chegada da literatura escrita, cuja raiz principal advinha do caule europeu. Fernanda Cavacas (2000) pontua que a recriação linguística miacoutiana:

Provocou enorme polémica nos meios intelectuais e políticos moçambicanos. Com que direito se atrevia este jovem branco moçambicano a escrever parodiando os erros que o povo negro cometia ao falar português? Não seria essa uma falta de respeito imperdoável? Que objetivos se escondiam por detrás desta escrita? (Cavacas, 2000, p. 124).

A literatura oral registra sua força e continuidade nas narrativas tradicionais africanas e moçambicanas. Essa oralidade que prepondera nos textos literários de diversos autores de

África demarca o espaço necessário para manter vivas as lembranças que cada país possui, demarca costumes e hábitos peculiares de sua cultura que resultam, singularmente, no convite às diferenças culturais e de identidades.

A professora da Universidade Federal do Rio de Janeiro, pesquisadora dos estudos relacionados às Literaturas Africanas de Língua Portuguesa, Carmen Lucia Tindó Secco (2006), explana que o discurso literário de Mia Couto:

Tece uma rede intertextual e simbólica com os mitos e as crenças dos povos moçambicanos. Trabalha metaforicamente a linguagem e recria a língua portuguesa com os saberes e ritmos locais, efetuando construções morfossintáticas e semânticas inusitadas, que visam à recuperação de sentidos poéticos da vida, escamoteados pelos anos de longo sofrimento vivido em Moçambique (Secco, 2006, p. 72).

Do ponto de vista da produção cultural, a ensaísta Laura Cavalcante Padilha (1995) em sua obra *Entre a voz e a letra: o lugar da ancestralidade na ficção angolana do século XX*, enfatiza que a arte de contar “é uma prática ritualística, um ato de iniciação ao universo da africanidade, e tal prática e ato são, sobretudo, um gesto de prazer pelo qual o mundo real dá lugar ao momento meramente possível que, feito voz, desengrena a realidade e desata a fantasia”. (Padilha, 1995, p. 15). Utilizando a língua portuguesa do colonizador e o universo moçambicano da oralidade o escritor contextualiza uma escrita contemporânea em língua portuguesa que simboliza a resistência e libertação das manchas da colonização. Ana Mafalda Leite (2012) sinaliza que por razões históricas:

O perfil linguístico de cada país africano faz hoje coexistir pelo menos uma língua europeia, que geralmente funciona como língua oficial, e um número variável de línguas africanas. A língua oficial tem contribuído, na maioria dos casos, para a realização de uma coesão nacional nestes países pluriétnicos. No que respeita à literatura, ela tem se desenvolvido enquadrada dentro dessa diversidade linguística. É ainda um princípio nostálgico, idealista e essencialista pensar em termos estáticos na recuperação de uma multividência pré-colonial, não levando em conta as transformações ocorridas nessas sociedades com o colonialismo, as independências e a modernização (Leite, 2012, p. 25).

A língua portuguesa, a língua do colonizador, passa por transformações estruturais na forma de organização da sociedade moçambicana. De acordo com o moçambicano e doutor em Antropologia pela Universidade de São Paulo, José Luís Cabaço (2004), “escrever é assim um momento de reflexão da literatura sobre as responsabilidades do escritor e sobre a relação da

literatura com essa utopia vibrante e ainda imprecisa que é a nacionalidade” (Cabaço, 2004, p. 32).

Na possibilidade do uso oral da língua à escrita literária, Mia Couto não somente analisa a tradição de Moçambique, mas, sobretudo, intenta que esta seja repensada na construção da identidade nacional. O situar da oralidade no âmbito das tradições orais africanas, assim como no campo crítico e de produção literária, ocorre de certo modo como reação às produções desenvolvidas pelo viés dos colonizadores e metrópoles. “A tradição repousa sobre um jogo duplo: a sedimentação e a inovação” (Motta, 2006, p. 92).

O cânone literário proveniente das marcas da colonização passa a buscar modelos próprios e autênticos, que representem uma nova identidade e produção neocolonial dos países africanos. A cultura da oralidade em África é resultante de condições materiais e históricas, e não apenas de fatores naturais como pensado preconceituosamente ao longo dos séculos, embora saibamos que a escrita tenha chegado posteriormente com a colonização europeia, o valor da oralidade perpetuou e perpetua em sua construção ideológica e cultural. Resulta, ainda, das condições materiais e históricas do processo de colonização do continente, não sendo uma forma exclusiva, mas sim dominante e essencial para a produção literária dos escritores africanos do século XX.

A oralidade nesse processo integra valores da sociedade dos países descolonizados como Moçambique e Angola viabilizando a maleabilidade dos estratos culturais e identitários dos países de África. Stuart Hall afirma que “as identidades nacionais não são coisas com as quais nós nascemos, mas são formadas e transformadas no interior da representação” (Hall, 2008, p. 30).

O período da colonização abriu espaço às preocupações e investigações acerca da literatura oral africana. Esse processo no decorrer do século XX, fez com que as narrativas orais em África crescessem de maneira lenta, mas progressiva. Encarando diversas circunstâncias opressoras e utópicas:

Essas obras da literatura oral eram encaradas como manifestações primárias que não proporcionavam trabalhos reflexivos, haja vista o fato de serem produto de uma comunidade, enquanto que as obras da literatura escrita eram trabalho de um só autor, exigindo, desse modo, um desenvolvimento complexo e, conseqüentemente, mais reflexão (Leite, 2012, p. 58).

É importante salientar que a tradição oral não está presente somente nas coletâneas de textos orais como as citadas acima, mas também, em obras da literatura escrita, como podemos observar na obra *Vozes anoitecidas* de Mia Couto. O autor busca por meio da escrita, fatores culturais existentes no cenário da nação moçambicana. “Mia Couto usa a língua como um meio para “recuperar a mundividência mítica, as marcas culturais da oralidade da sociedade tradicional, o onirismo e a simbólica a ela ligadas, numa palavra, a relação empática entre o homem, a natureza e a comunidade” (Leite, 2012, p.41).

O fazer literário de Mia Couto e de demais autores desse contexto, abre margem ao exercício de reformular, repensar, recriar e integrar os novos parâmetros das sociedades africanas pelo exercício da memória que é fundamental nas culturas orais, pois sem ela não há como acessar o passado.

O recurso oral da linguagem é parte integrante e fundamental da cultura e identidade de África. Conforme Fernanda Cavacas (2006), “no caso africano a tradição de oralidade é um sistema de auto-interpretação concreta”. Assim, a linguagem oral, (des)construída, recriada e repensada de Mia Couto reescreve a língua portuguesa, rompe padrões da tradição gramatical e possibilita novas significações em torno das expressões e dialetos da oralidade em Moçambique. Conforme a professora de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa, Rita Chaves (1997):

Trabalhando na prosa do seu escritor, Moçambique redimensiona-se num enquadramento propício à derrubada de tantos preconceitos. Sem virar as costas ao sonho, os textos delineiam a realidade e revelam um país que, enriquecido pela multiplicidade de experiências, projeta-se como uma mistura dialética de vários modos de estar no mundo. Assim, periférico, excluído, ignorado, Moçambique, tal como o continente africano, mexe-se e protagoniza mais do que desastres e tragédias de natureza vária. (Chaves, 1997, p. 247).

No interim, a pesquisadora e crítica literária adverte que as comunidades de origem africana, em especial Moçambique, são representadas na literatura de Mia Couto como uma cultura rica e valiosa, contornada pela hibridização cultural. Esse escritor subverte a imagem de um povo periférico, sofrido, que guarda em seu passado uma herança histórica de desigualdade, violência, guerras e sofrimento extremo. A palavra é o instrumento por meio do qual o escritor torna possível o acesso à crise, ao trauma, mesmo diante da incapacidade de reviver a experiência de outrora, pode-se, por meio da narrativa, buscar compreendê-la.

O colecionar dos fragmentos da memória e expô-los por meio da narrativa permite ao sujeito recontar sua história, permite remontar sua identidade. Possibilita a experiência, daquilo que percebemos e chamamos de o real. Geoffrey H. Hartman (2000), teórico literário americano nascido na Alemanha disserta que a memória, e especialmente a memória usada na narração:

[...] não é simplesmente um nascer póstumo da experiência: ela possibilita a experiência, permite que aquilo que chamamos de o real penetre na consciência e na apresentação das palavras, para tornar-se algo mais do que só o trauma seguido por um apagamento mental higiênico e, em última instância, ilusório (Hartman, 2000, p. 222-223).

Todavia, um dos recursos utilizados pelo escritor, para dar voz e significado às personagens é o realismo mágico, corrente literária presente nas literaturas pós-coloniais da América do Sul. Para o filósofo e linguista búlgaro, Tzvetan Todorov (2014), “o realismo mágico ou maravilhoso caracteriza-se por não provocar nenhuma reação no leitor quanto aos aspectos “estranhos” que aparecem – aceitos pela realidade ao qual estão inseridos –, não apresentando nenhuma explicação lógica que explique tal ocorrência” (Todorov, 2014, p. 82).

Utilizando em suas produções o realismo e a fantasia, os mitos, as crenças e as lendas aparecem como algo natural de sua cultura. As literaturas africanas de expressão portuguesa não se recusam a seguir as características das literaturas africanas modernas em geral. A edificação das literaturas africanas de língua portuguesa, segundo Laranjeira (1992), acompanha a construção de um novo poder político, “primeiro clandestino e, depois, triunfante. Os homens que escrevem são os mesmos que pensam e que politicam. E fazem-no em português, domesticando a língua em função das suas virtualidades e finalidades, criando literaturas nacionais numa língua internacional” (Laranjeira, 1992, p.14).

Logo, como o teórico cultural e sociólogo jamaicano Stuart Hall (2008, p. 12) afirma, “a identidade negra é atravessada por outras identidades”. A poética miacoutiana acompanha esse processo de edificação das literaturas africanas de língua portuguesa, acompanha o processo de busca da africanidade/moçambicanidade no cenário pós-colonial e globalizante ao qual atravessa Moçambique, o país das múltiplas identidades. Mia Couto pelo viés literário desenvolve “uma reinvenção da língua portuguesa que se investe de uma combinatória de formas e de gêneros provindos da oratura moçambicana e da tradição literária ocidental” (Leite, 2002, p. 21).

Não é possível pensar a literatura africana moderna, que nasce a partir da colonização europeia em África, sem referir seu engajamento político em prol das lutas pela independência africana e do seu desenvolvimento endógeno. Mia Couto levanta questionamentos referentes às mazelas que acometem o continente africano, visando, assim, a liberdade de ser e de sentir-se moçambicano, em meio a tantos silenciamentos das camadas periféricas.

Uma das características mais marcantes das produções miacoutianas, sem dúvida, é a fantasia tecida na realidade. O gênero realismo fantástico, surgido no início do século XX é considerado como resposta latino-americana à literatura fantástica europeia. O realismo fantástico permite criar universos que fogem à representação do mundo dentro dos limites da razão.

Influenciado pelas tendências das escritas pós-coloniais, pela literatura hispano-americana, Mia Couto utiliza o relato fantástico como prática discursiva, como recurso de denúncia das violências sofridas pela nação de Moçambique. Sua escrita compartilha com o leitor a reflexão a respeito do mundo em que vive.

As personagens criadas por Mia Couto “assumem comportamentos bizarros, face à sua incapacidade para compreenderem os novos contornos espaciais (de dimensão física e psicológica) em que estão des(inseridos), optando pelo refúgio na fantasia” (Chabal, 1994, p.80).

A opção pelo fantástico, pelos elementos insólitos, sagrados e míticos, permite que a escrita coutiana estabeleça um ponto de encontro entre o mundo empírico e o mundo ficcional. O autor cria uma literatura lúdica, capaz de abordar a ancestralidade e a universalidade moçambicana com maestria. O realismo fantástico na escrita de Mia Couto cumpre a função de instaurar a dúvida, a indefinição, permite a naturalização do evento. O autor lança mão de traços do cotidiano evocando o insólito, criando uma narrativa híbrida que caminha entre o empírico e o meta-empírico. Rompe com a representação da realidade, com o senso de lógica conhecido pelo homem moderno.

Para a professora da Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT, Irene Severina Rezende (2008):

O irreal está, em suas narrativas, no corpo do texto e em seus títulos, demonstrando a angústia do homem diante de seu tempo e de seus contemporâneos. São os dramas da alma humana, o sentimento de solidão, de abandono e de desespero que marcam as sociedades contemporâneas. O autor, nesse sentido, está inserido em seu tempo, e percebe a

perversidade inerente ao ser e a crueldade de suas ações no mundo moderno (Rezende, 2008, p. 83).

O mundo dos vivos perambula/transita pelo mundo dos mortos e vice-versa, o mais velho ensina o mais novo, assim como o mais novo acrescenta ao mais velho. O tempo presente rememora o passado, o passado reconta o presente. Vida e morte, alegria e trauma, medo e esperança são coadjuvantes entre si. Os eventos da racionalidade seguem de encontro aos eventos insólitos, ancestrais e atemporais que perpassam suas narrativas.

Segundo Todorov (2014), “ao adentrar-se a leitura de um texto caracterizado como fantástico, descobre-se que o mundo relatado é um convite ao da vivência social. Contudo, há, em geral, um acontecimento, que não pode ser explicado por este mundo, instaurando-se, então, o insólito”. O termo insólito corresponde ao que é incomum, ao que ultrapassa os conceitos de realidade. Nessa perspectiva, ocorre a percepção de algo que foge da compreensão e lógica. O leitor é instigado a buscar pela explicação plausível de uma abstrata realidade ou produto imaginado. Na presente literatura o mundo insólito convive em harmonia com o mundo sólito, não havendo estranhamento entre o natural e o sobrenatural.

Mia Couto, pela ferramenta do realismo fantástico, marca o animismo africano/moçambicano, visto que o recurso da irrealidade propicia uma resolução para as crises da contemporaneidade. As literaturas africanas de língua portuguesa recorreram a estratégias de construção narrativa comprometidas “com a representação do insólito ficcional”, ou seja, com “diferenças instauradas pela incoerência entre a representação mimética verossímil e sua referencialidade no plano da realidade exterior à ficção” (García, 2013, p. 21).

Os elementos constituintes de uma literatura transcultural pós-colonial refletem a busca por um projeto identitário que insira indivíduos narradores e protagonistas de suas próprias histórias e situações que, por mais localizáveis que sejam no solo e na memória moçambicana, ganham textura e materialidade, combinando, assim, a densidade da atmosfera poética e a expansão do sentido e a escrita. Mia Couto se vestiu de sol e fez-se iluminado pela palavra, na linguagem sagrada da poesia.

3 Considerações finais

O processo de formulação, interpretação e de assimilação das novas experiências está imbricado na escrita miacoutiana que propicia ao leitor, uma tomada de consciência das múltiplas vozes que compõem suas personagens. Por meio da imaginação e inventividade da leitura e da escrita, Mia Couto aponta para a construção de um futuro que não seja permeado somente pela guerra, dor e marginalização, mas que seja permeado pelos sonhos. Afinal, “o sonho é o olho da vida” (Couto, 2007, p. 19).

A literatura deste importante intelectual moçambicano, portanto, presentifica a necessidade de novas conexões literárias e históricas que possam contextualizar e questionar aquilo que aparece como verdade única e definitiva. Nessa pragmática, torna-se necessária a revitalização da ideia de fronteira, de pluralidade e conjunturas culturais, redefinindo os horizontes das novas nações, no contexto do pós- colonial.

Em suma, vivemos tempos cinzentos, com fraturas incuráveis como interpreta Said (2003, p.52), sendo o universo dos sonhos o lugar para o além de nascer o mundo, o modo estratégico de que se pode contornar os aspectos mais trágicos da condição humana. Estudar a presente literatura moçambicana de expressão portuguesa nos coloca no exercício de re- pensar o outro, de re-pensar o que o autor nos coloca frente à cena, ao acontecido de sua obra.

4 Referências

ABDALA JR., Benjamin (Org.). **Margens da cultura: mestiçagem, hibridismo & outras misturas**. São Paulo: Boitempo, 2004.

CABAÇO, José Luis. **A questão da diferença na literatura moçambicana**. In: Via Atlântica, nº. 7. São Paulo: USP. FFLCH, 2004.

CAVACAS, Fernanda. **Mia Couto: Pensatempos e improvérbios**. Lisboa: Mar Além; Instituto Camões, 2000.

CAVACAS, Fernanda. Mia Couto: **Palavra oral de sabor cotidiano – palavra escrita de sabor literário**. In: CHAVES, R.; MACEDO, T. **Marcas das diferenças: as literaturas de língua portuguesa**. São Paulo: Alameda, 2006.

CHAVES, Rita; MACEDO. Tânia. **Marcas da diferença: As literaturas africanas de língua portuguesa**. São Paulo: Alameda, 2006.

HARTMAN, G. **Holocausto, testemunho, arte e trauma**. Tradução de Cláudia Valladão Mattos. In: A. Nestrovski & M. Seligmann-Silva (Orgs.). **Catástrofe e representação**. São Paulo, SP: Escuta, 2000.

LARANJEIRA, Pires. **De letra em riste. Identidade, autonomia e outras questões na literatura de Angola, Cabo Verde, Moçambique e S. Tomé e Príncipe**. Porto: Edições Afrontamento, 1992.

LEITE, Ana Mafalda. **Literaturas africanas e formulações pós-coloniais**. Lisboa: Edições Colibri, 2002.

LEITE, Ana Mafalda. **Oralidades e Escritas pós-coloniais: estudos sobre literaturas africanas**. Rio de Janeiro: UERJ, 2012.

LEITE, Ana Mafalda. **Oralidade e escrita nas literaturas africanas**. Lisboa: Edições Colibri, 1998.

MACÊDO, Tania; MAQUÊA, Vera. **Literaturas de língua portuguesa: marcos e marcas. Moçambique**. São Paulo: Arte e Ciência, 2007.

MÂQUEA, Vera. **Entrevista com Mia Couto. Via Atlântica**: Revista da área de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa. São Paulo, n. 8, dez. 2005.

MATA, Inocência. **A Literatura Africana e a Crítica Pós-colonial: Reconversões**. Luanda: Editorial Nizila, 2007.

MATA, Inocência. **Literatura angolana: silêncios e falas de uma voz inquieta**. Lisboa: Mar além, 2001. (Coleção Mar Profundo).

MATA, Inocência. **A Alquimia da Língua Portuguesa nos Portos de Expansão em Moçambique, com Mia Couto**. Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras, Belo Horizonte. p. 262-264- 268, 1998.

OLIVEIRA, Ana Maria Abrahão dos Santos. **As impermanências da paisagem em Terra Sonâmbula: Sonho e Resistência**. Disponível em: http://www.uff.br/revistaabril/revista-02/009_ana%20maria%20oliveira.pdf. Acesso em: 16/10/2025 às 13h30min.

PADILHA, L. C. **Entre a voz e a letra: o lugar da ancestralidade na ficção angolana do século XX**. Niterói: EDUFF, 1995.

SAID, Edward. W. **Cultura e Imperialismo**. Tradução Denise Bottman. São Paulo: Companhia das letras, 1995.

SAID, Edward. W. **Reflexões sobre o exílio e outros ensaios**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SELIGMANN, Silva. **História, memória, literatura: o testemunho na era das catástrofes**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2005.

TODOROV, Tzvetan. **Introdução à Literatura Fantástica**. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2014.